

PERFORMANCE (CON)TRADIÇÃO E SUAS ADAPTAÇÕES: ALGUMAS REFLEXÕES

JANAINA BRUNA DOS SANTOS MOREIRA¹; CARMEN ANITA HOFFMANN²

¹*Universidade Federal de Pelotas – janaina.bruna.kizy@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas - carminhadanca@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O projeto de extensão Caminhos da Dança na rua, faz parte do OMEGA (Observatório de Memória, Educação, Gesto e Arte) do curso de Dança – Licenciatura da UFPel, teve inicio no ano de 2015, através do estágio no espaço não formal da ingressa Débora Allemand, com a orientação da professora e atual coordenadora Carmen Anita. O Caminhos surgiu através das inquietações dessas arquitetas-bailarinas, e visam pesquisar/explorar/experenciar a relação das pessoas no espaço público/privado através da dança.

Durante esses anos de existencia, foi vivenciada/pesquisada várias ações, tanto propostas pelos integrantes do grupo, quanto por convites de terceiros, que foi o que aconteceu esse ano. No mês de fevereiro (2018), fomos convidadas pelo Encontro Regional de Estudantes de Arquitetura (EREA Satolep), a realizar uma ação artística, pensando no tema do evento “Con(tradição): qual é a tua?” que aconteceu no Clube esportivo Gonzaga.

A partir dessa primeira apresentação, aconteceram mais 3 adaptações em outros locais, através de outros convites. Sendo assim essas amostras alcançaram um amplo e diversificado público, que será para onde direcionaremos o olhar dessa escrita, com o objetivo de identificar como acontece essa relação/troca universidadeXcomunidade em espaços diferentes, e refletir sobre as contribuições dessas ações do projeto para um professor-artista-pesquisador.

Para esse resumo me aponto nos autores JEZINE (2004), SILVA (2011), CARBONARI; PEREIRA (2007), RANCIÈRE (2012).

2. METODOLOGIA

Após recebermos o convite para criar uma apresentação para o evento (EREA Satolep), baseamos no seguinte texto:

Entendemos a tradição como o resultado de experiências vividas, uma forma de transmitir conhecimentos e costumes por gerações. A tradição ao mesmo tempo que fortalece a construção da identidade, memória e pertencimento de uma cultura, pode perpetuar costumes anacrônicos. (...) As contradições às quais sobrevivemos não são tradições somente aqui.

Com isso foi pensado sobre essa tradição que ainda vivenciamos e continuamos a reproduzir, mais especificamente do Rio Grande do Sul, as danças tradicionais, onde através de não seguir as regras com as vestimentas começamos a romper com isso usando (mulher usando bombacha, colete, chapéu, misturando todos os figurinos/adereços). Também foi pensando em uma dança simples que pudéssemos conduzir o público a dançar, e depois

desconstrui-la, sendo assim escolhemos o “pezinho”, outra “sacada” que tivemos, foi que por se tratar de um evento da arquitetura utilizamos trenas para medir Ângulos, pessoas, tamanho de sorrisos, tudo para se encaixar nas normas das danças tradicionais, tornando tudo isso cômico, e assim os espectadores pudessem olhar de outra forma para algo normal de seus cotidianos, como diz o autor:

O espectador também age, tal como o aluno ou o intelectual. Ele observa, seleciona, compara, interpreta. Relaciona o que vê com muitas outras coisas que viu em outras cenas, em outros tipos de lugares. Compõe seu próprio poema com elementos do poema que tem diante de si. Participa da performance refazendo-a à sua maneira [...] Assim, são ao mesmo tempo espectadores distantes e intérpretes ativos do espetáculo que lhes é proposto. (RANCIERE, 2012, p. 17)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As apresentações que realizamos ganhou um nome: (Con)tradição, entendemos que ela se tornou uma performance, e que cada vez que apresentávamos focamos em algo diferente, e nos surgiam novos atravessamentos pela questão do espaço e público diferentes.

A primeira apresentação, como já foi citado acima aconteceu no clube Gonzaga no final de março, e o público atingido foi os alunos de arquitetura que vieram participar do evento EREA Satolep (de diferentes estados da região Sul do país), e trabalhou com a ironia de descodificar a codificação que as danças tradicionais gaúcha apresentam, com as roupas e por todas as bailarinas serem mulheres e formarem pares para dançarem, abordamos também a questão de gênero. Afinal enxergamos que a arte pode abordar esses temas, de uma forma que faça o público olhar de outra forma para aquilo que já se encontrava tão enraizado em si, e conseguimos através da dança recriar isso, e assim vejo que esse é um dos papéis da extensão através do Caminhos.

“a extensão, enquanto responsabilidade social faz parte de uma nova cultura, que está provocando a maior e mais importante mudança registrada no ambiente acadêmico e corporativo nos últimos anos.” (CARBONARI; PEREIRA, 2007, p. 27).

Outro fator importante de ser pensado é a interação direta com o público naquele espaço que foi mais tradicional (bailarinos em um quadrado e o público em volta olhando como se tivessem em um teatro), ali já se encontrava uma barreira entre nós e eles, porém trabalhamos com o acaso e improviso, e convidá-los para interagir e ver as reações/participação deles acabou superando as expectativas do grupo, ainda mais pelos comentários quando encerramos.

Ainda pensando nisso, partimos para a análise da outra performance que aconteceu na semana do dia internacional da Dança em abril, apresentamos no calçadão do centro de Pelotas, e nesse momento não usávamos mas as indumentárias gaúchas além dos chapéus, então não abordamos tanto a questão da dança tradicionalista, mas a interação com as pessoas que passavam por ali e com o espaço continuou, e dessa vez não se tratava de um convite, mas a nossa interação era direta, seguindo-os, conversando, dançando em volta, através de olhares, e assim aconteceram as mais diversas reações, como questionarem o que estava acontecendo, quem éramos, ou até mesmo pularem juntos, mas

também houve pessoas que não pararam para olhar ou fingiram que nada estava acontecendo, assim atingindo pessoas com objetivos de estar na rua diferentes.

A relação da universidade com a comunidade se fortalece pela Extensão Universitária, ao proporcionar diálogo entre as partes e a possibilidade de desenvolver ações sócio-educativas que priorizam a superação das condições de desigualdade e exclusão ainda existentes. E, na medida em que socializa e disponibiliza seu conhecimento, tem a oportunidade de exercer e efetivar o compromisso com a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos. (ROCHA 2007 apud SILVA, 2011, p.2).

Levar arte, na forma de performance sem cobrar nada para os mais diversos espaços é uma forma de desenvolver uma ação não excludente, acessível independente de idade, gênero, classe econômica e gostos pessoais. Assim o Caminhos apresentou em mais dois espaços um deles a Casa do tambor (novamente espaço bailarinos em um quadrado e público em volta, junto com indumentárias gaúchas), no bairro laranjal onde foi feita uma divulgação anterior.

Mesmo assim acabou atingindo um público mais específico como no outro evento, ainda mais pela localização ser no laranjal, um bairro afastado dos outros e pelo horário da noite, após houve uma roda de conversa e várias questões foram levantadas, o que contribui bastante para analisarmos aquilo que fizemos, e o contexto que ainda estamos inseridos e o quanto temos ainda que nos desconstruir como seres humanos.

Nossa última apresentação foi realizada na semana do folclore em agosto, e escolhemos ir para a frente do Colégio Municipal Pelotense, para ter essa interação com os alunos, dessa vez nos caracterizamos novamente, e até levamos um *banner* do projeto, explicando quem éramos, do que tratava nossas ações. E foi bem interessante ver que no primeiro momento que estávamos posicionadas na porta com aquelas roupas, os alunos demonstraram uma estranheza, até deram risada, por não entender.

Mas logo começaram a ler o *banner*, e como apresentamos 2x seguida a performance adaptada eles conseguiram entender, e interagiram em vários momentos, até tinha um dos nossos professores fotografando, e um grupo deles pediu para fazer poses iguais as nossas e serem fotografados, também houve a interação de uma criança pequena, o que diferenciava do resto, a qual esteve super entregue conosco.



Figura 1: Grupo Caminhos da Dança na Rua, em apresentações da performance (Con)tradição. Foto: Hamilton Bittencourt e acervo do grupo, 2018.

4. CONCLUSÕES

O Caminhos trata-se de um projeto acessível a todos e de fácil alcance, que consegue atingir muitos através de suas ações nos espaços públicos, e planta uma sementinha para enxergarmos dança em espaço não convencional, e perceber o quanto ela está presente no nosso cotidiano, nesses dois anos que

participo desse projeto, vejo o quanto ele quebra barreiras não só lá na comunidade, mas também aqui na Universidade, onde o curso de Dança valoriza ter equipamentos, espaço adequado, roupas, iluminação, sendo que também temos que nos debruçar para pensarmos no espaço escola e outros, onde quase não temos nada dessas ferramentas.

E temos também que pensar no quesito público/espectador que a comunidade acaba desempenhando esse papel, pois quando se tem apresentações na Universidade sempre circulam as mesmas pessoas, diferente do que pegarmos e irmos para a rua. Sendo assim consigo colocar a teoria que leio/pesquiso em prática e me sinto bem mais confiável para ter que enfrentar um dia essas dificuldades sozinha nessa minha profissão de futura docente, encerro o texto concordando com a reflexão da autora quando valoriza extensão:

Diante dessa nova visão de extensão universitária, esta passa a se constituir parte integrante da dinâmica pedagógica curricular do processo de formação e produção do conhecimento, envolvendo professores e alunos de forma dialógica, promovendo a alteração da estrutura rígida dos cursos para uma flexibilidade curricular que possibilite a formação crítica. (JAZINE, 2004, p. 2).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARBONARI, Maria; PEREIRA, Adriana. **A extensão universitária no Brasil, do assistencialismo à sustentabilidade**. São Paulo, Setembro de 2007. Base de dados do Anhanguera. Acessado em 07 set. 2018. Disponível em: <http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/educ/article/view/2133>

EREA SATOLEP 18. **Temática**. Acessado em 07 set. 2018. Online. Disponível em: <https://ereasatolep18.wixsite.com/ereasatolep/tematica>

JEZINE, E. As práticas Curriculares e a Extensão Universitária. In: **Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**. Belo Horizonte. 2004. Disponível em: www.ufmg.br/congrext/Gestao/Gestao12.pdf. Acessado em 07 set. 2018.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

SILVA, Valéria. **Ensino, pesquisa e extensão**: Uma análise das atividades desenvolvidas no GPAM e suas contribuições para a formação acadêmica. Vitória, novembro de 2011. Base de dados do Scielo. Acessado em 07 set. 2018. Disponível em: http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos_de_extensao_universitaria.pdf